



A horta Povo Unido como referencial de desenvolvimento social e humano

Katiuscia Maria da Silva¹

Resumo

O artigo reflete sobre o conceito lugar observando suas ressignificações a partir da geografia moderna, fundadora de novas relações entre homem e o meio em que habita ou não. Para tanto, argumenta sobre percepções observadas a partir de fundamentos teóricos “in loco”. Analisando a Horta Comunitária Povo Unido buscando captar os sentidos de lugar que perpassam pela geografia humanista e o que marca a relação homem e lugar nesse espaço.

Palavras-chave: Lugar. Horticultura. Natureza. Homem-meio. Agroecologia.

Concepções de lugar

Os gregos faziam observações acerca da sua própria realidade, e a ideia de lugar também se tornou objeto da análise desses pensadores. Aristóteles desenvolveu o conceito de que lugar “é o espaço que rodeia o corpo”. Foi a partir daí que se passou a pensar de maneira mais profunda sobre o assunto. Já no início da idade moderna René Descartes, organizando o conceito aristotélico afirmou que lugar é determinado pela relação da posição do corpo com a posição dos outros corpos. Já na idade contemporânea, baseado na fenomenologia, iniciou-se uma investigação na década de 20 com Carl Sauer que já em 1925 se referia à fenomenologia em um artigo intitulado “A Morfologia da Paisagem”, neste artigo fazia-se ligação entre a geografia e a fenomenologia, assunto esse, tornando-se mais dinâmico na década de 60.

Essa perspectiva teórica vai evoluindo à medida que a "Geografia Cultural" vai se tornando destaque enquanto disciplina nos cursos de geografia norte-americanos. A partir disso, o aporte teórico não era mais questionado mantendo seus fundamentos considerar o espaço vivido e de se considerar que a geografia estava "além da ciência", contradizendo o empirismo da pesquisa científica positivista.

A fenomenologia de Eric Dardel também não se enquadrava nos moldes do positivismo. Sua obra é elucidada a fenomenologia existencialista em que a geografia ancora-se na perspectiva do “homem-no-mundo”, de modo que não pode lidar apenas com

¹Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB.



aspectos objetivos ligados a um espaço geometrizado, apontando para a relação existencial humana na Terra, determinando o “espaço geográfico” como o objeto fenomenologicamente determinado, em que a "geografia vivida em ato" torna-se essencial para explicar a realidade e interações de cada homem com sua terra natal.

Dentro do contexto marxista a visão de lugar se torna como resultante de características históricas e culturais inseparáveis ao seu processo de formação, ao mesmo tempo em que expressa globalidade. E no aspecto da dialética marxista Carlos (1996 p.22), define lugar como: “O ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local, enquanto especificidade concreta e enquanto momento”.

No avanço das discussões sobre lugar Augé propõe o conceito do “não lugar”, que define como:

Espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade, (...) como “instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens” (aeroportos, rodoviárias, salas de espera, estações de metrô), os meios de transporte (aviões, trens de grande velocidade), os grandes centros comerciais (hipermercados, shoppings) e ainda os campos de trânsito prolongado (campo de refugiados). (AUGÉ, 1994 p 36.)

A palavra “lugar” tem várias definições e uma delas, segundo o dicionário Houaiss, vem do latim *locális que pode ser parte do espaço que ocupa ou poderia ocupar uma coisa, um ser animado etc* e por muito tempo, se tratou lugar apenas como um mero conceito espacial. Mas para a perspectiva cultural-humanista de Tuan a base da geografia cultural humanística é o lugar e as interações humanas com ele configurando assim um mundo como nos afirma (TUAN, 1979, p.388) “a totalidade de meios pelos quais nós chegamos à compreensão do mundo: nós conhecemos o mundo através da sensação (sentimento), percepção e concepção”.

Para este autor a ideia de lugar não se limita apenas a aspectos espaciais ou geográficos, mas fundamentalmente na utilização de conceitos do mundo vivido, na relação do indivíduo com a sua realidade cultural e suas experiências que acabam servindo como ponto de referência na sua forma de interação com o seu meio.

Deste modo, inicia-se uma ligação da geografia com a fenomenologia, sendo lugar como ponto do qual o indivíduo com suas interações adquire a sua identidade. Representando assim, a construção dos sentidos individuais do homem, esta forma de se conectar na realidade da qual ele vive se desenvolve por meio das suas necessidades

materiais. E é por meio da atividade econômica que se inicia o processo de adoção de determinada área geográfica como ponto de fixação. E isso acontece quando uma coletividade assume a responsabilidade de modificar o espaço natural para que ele se torne adequado a sua realidade cultural. O processo econômico cria uma dinâmica que intensifica as relações com outros agrupamentos humanos.

Daí surge à necessidade dos indivíduos terem uma identidade para que possam se distinguir de outros grupos iniciando uma relação tanto prática quanto simbólica com o lugar transformado. E nessa convivência a adoção de símbolos e rituais contribui para reforçar o espírito de pertencimento a determinado grupo ou localidade.

Considerando as ressignificações de lugar abre-se precedente para uma análise dentro da perspectiva humanista com um estudo sobre a Horta Comunitária Povo Unido do Bairro João Paulo II, localizada na cidade de Juazeiro-BA, onde se desenvolve um projeto baseado em práticas de cultivo e utilização de solo ecologicamente sustentáveis e na agricultura familiar.

Deste modo percebe-se uma dimensão do lugar em consonância com o contexto prático, com a dinâmica das relações humanas e com o modo de se relacionar com a natureza coadunada ao sentimento comunitário que molda a construção dos hábitos e valores compartilhados naquele espaço.

Este artigo baseará suas análises na geografia humana, no entanto utilizará elementos da geografia física para dar referenciais precisos do objeto desse estudo.

A Horta e as pessoas da Horta



Figura 1.
Fonte: Katiúscia

A figura 1 mostra a entrada da Horta Povo Unido. Idealizada pela Irmã Redenta (italiana) em 1979 quando se deu o nascimento do Bairro João Paulo II em que até hoje se localiza a horta. Devido fortes chuvas nesta época, várias famílias ficaram desabrigadas. A horta lhes ofereceria trabalho e alimento.

Fundada em 1987 em terreno com 6ha, doado pela diocese pelo bispo Dom José Rodrigues. No início a água foi ofertada pela Mineração Caraíba, através de tubulações com cota inicial de 800m³ aumentando a cota à medida em que a Horta crescia, pois no início haviam 20 famílias e hoje são 120. Foi estabelecido um contrato de comodato que se renova a cada cinco anos. Os horticultores são associados e contribuem com R\$ 7,00 mensais para manutenção e cada um possui um lote de dez metros quadrados para produção, comercialização ou sustento próprio. O material de trabalho assim como a aquisição de sementes, fica a critério do horticultor.

Oitenta por cento dos horticultores são mulheres e como afirma D. Maria Do Rosário “*Sempre gostei de trabalhar com a terra, cavar, fazer o canteiro, capinar, que não é só coisa de home!*”.



Figura 2
Fonte: Katiúscia



A horticultora que trabalha na horta tem direito a auxílio maternidade, auxílio doença e com 15 anos de atividade e em idade certa, pode se aposentar sem comprovação em carteira.

As decisões são tomadas em reunião mensal e registradas em ata. O horticultores têm horário para cumprir, os portões são abertos das 05:30h até 11:00h pela manhã e no período da tarde, das 14:00h as 18:00h.

A idade média é de 45 anos, no entanto tem pessoas jovens com idade de 16 como também o Sr. João com 100 anos.

A Horta Povo Unido também enfrenta dificuldades como a questão da água que para o cultivo orgânico deve ser natural. Deste modo a necessidade dos recursos hídricos cresce a cada dia, mas a oferta acabou diminuída pela empresa mineradora Caraíba que além da redução, os horticultores passaram a pagar uma taxa pelo uso da água. Fora isso, a falta de apoio político dificulta o desenvolvimento das atividades na horta, e a intervenção política asseguraria os direitos do pequeno produtor rural, mas esse suporte não alcançou o resultado esperado pelos horticultores. Mesmo assim as atividades na horta cumprem seus objetivos de forma independente.

A Horta, as pessoas da/na horta

A partir dos estudos sobre as ressignificações da geografia, sugeriu-se o estudo in loco a respeito de seus conceitos-chave. Aqui o conceito-chave lugar será o foco da análise. Para tanto foi escolhido um lugar com características peculiares e com processos de interações sociais, de modo que se pudesse obter concepções de lugar pelos envolvidos levando em consideração os saberes e as experiências dos mesmos, que desenvolvem um projeto agrícola baseado num conceito ambientalmente sustentável. Foram feitas pesquisas, entrevistas, fotografias e análises históricas onde se trabalhou com dados primários e secundários, oportunizando a participação de todos aqueles que se disponibilizaram em colaborar e contar um pouco de suas experiências ao logo dos 25 (vinte cinco) anos de um lugar com enorme significado para todos os seus associados que é a horta comunitária do bairro João Paulo II.

O horticultor e coordenador do projeto comunitário João foi abordado e se prontificou a responder que *“a horta é um lugar agradável e cativo em termo de união”*. D. Maria do Rosário Oliveira, que veio da cidade de Remanso e trabalha na horta desde

1998, diz que “*aqui é terapia, é como família, melhor do que em casa*”. D. Maria Senhora, desde 2004 trabalhando na horta Povo Unido. Diz que: “*Chegar aqui é uma terapia santa! Chega aqui dá bom dia a mãe natureza, espanta tudo! Poderia passar o tempo todo aqui, é uma família!*”

Percebe-se com isso uma relação de afetividade com o lugar, como define (CARLOS, 2007, p.17 apud SANTOS, 1993) O lugar permite ao mundo realizar-se, a oportunidade de uma história que ao realizar-se muda, transforma, determina a ação, é onde os homens estão juntos vivendo, pulsando, e que tem a força da presença do homem.

Dessa forma há uma integração entre homem-meio que agrega sentido de produto das experiências humanas. E esta interação permite que se construa uma identidade cultural com o lugar e isso acaba influenciando no modo de produção, configurando assim uma dialética para além de um mero cultivo agrícola, a agroecologia.



Figura 3
Fonte: Katiúscia

Assim classificada por Marsha Henzi (2014):

Enquanto a agricultura impõe uma função artificial na paisagem, a agroecologia estuda como podemos nos integrar com o ecossistema já existente, ou criar ecossistemas análogos. É a mudança do homem

dominador da paisagem para o homem participante na teia de vida complexa que ocupa um espaço.

O que representa uma alternativa à agricultura convencional praticada em larga escala aqui na região. A horticultura orgânica que segundo Plantasonya (2014) consiste no cultivo de verduras, frutas, legumes, temperos e ervas medicinal sem o uso de agrotóxicos e de maneira ecologicamente correta, ou seja, sem queimadas e com tratamento ideal do solo. Como podemos perceber na resposta de D. Maria Senhora sobre qual a importância do manejo ecológico no lugar? *“Daqui sai coisa saudável não só pra mim mas, pros outros também, o solo é muito respeitado aqui! Sr. João e D. Maria do Rosário (figura 4) afirmam respectivamente, que “aqui até a água é pura, não pode ter nem cloro, tudo tem que ser natural, não usamos nenhum veneno”, “botar veneno, é ruim pra mim, pro solo e pro povo, que vem da rua pra comprar aqui.”*



Figura 4
Fonte: Kátiuscia

Essa prática promove uma relação afetuosa entre os sujeitos e na maneira de ver a natureza do lugar. O solo se torna um berço de vida respeitado para a saúde da plantação. A pioneira do conceito agroecológico no Brasil Vera Primavesi assegura que na agricultura convencional se tem a ideia de que o solo é apenas o suporte para a planta ficar de pé e

nada mais. Ela diz que na agricultura ecológica “o solo é tudo” e é “o solo que produz”, por isso devemos observar e manter a vida no solo, através do cultivo de organismos vivos que nela habitam e assim como afirma ainda “A terra lhe ajuda é só você cuidar dela”.

Prática reforçada por Henzi uma vez que ao se respeitar a “saúde do sistema agroecológico” haverá fartura de produção com harmonia. Dessa forma o cultivo agrícola estabelece uma lógica de respeito à vida no solo e assim, se pratica a agroecologia.

Nessa perspectiva, observamos que em todos os lotes há áreas para compostagem, aproveitando todas as sobras das seleções de vegetais, como também entre as verduras comestíveis há plantas que na cultura convencional são consideradas ervas daninhas e são arrancadas do solo. Na horta, essas plantas servem de proteção às verduras, a produção saudável é garantida, já que a comunidade do bairro e de outras localidades vem comprar produtos da horta diariamente.



Figura 5
Fonte: Katiuscia

A questão agroecológica é posta em prática em função da ligação das pessoas com a localidade. E essa identidade com o lugar acabou influenciado a maneira como se desenvolve o trabalho na horta comunitária.



Deste modo a horta não se tornou somente um lugar de atividades agrícolas e sim um ambiente de interação entre as pessoas, um ponto de encontro do qual se compartilha informações e saberes e onde se adquire uma identidade com a forma e o modo das pessoas lidarem com a realidade local, afirmando a geografia humanística supracitada e reforçando a ideia de lugar formada a partir de interações humanas nele, desenhando com isso, identidades.

As concepções acerca do lugar visualizadas na Horta são demonstrações de um movimento em que o humano se transforma juntamente com o lugar, o corpo vive e o modifica, se apropriando dele como Carlos (2007, p.18) preconiza que “o homem percebe o mundo pelos sentidos, pelo corpo se apropria do espaço através do modo de uso”.

São estabelecidas neste lugar, relações de afetividade entre o humano e o meio que possibilitam a construção significativa para a vida da pessoa com ela mesma, com o lugar e com o grupo, no sentido de se promover a alteridade social.

Constituindo aí uma relação ética na relação humana com a natureza, cujos desdobramentos configuram um saber cuidar, como se cuida do que se ama. Eles pertencem aquele lugar e o lugar lhes é sentido como parte integrante deles mesmos.

Referências

AUGÉ, Marc: **Não lugares:** Introdução a uma antropologia da supermodernidade/Marc Augé; Tradução Maria Lúcia Pereira. – Campinas, SP: Papirus, 1994. - (Coleção Travessia do Século). 111p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Labur Edições, 2007, 85p.

Marsha Henzi. **Marizá Epicentro de Cultura e Agroecologia.** (24/07/2014) Instalado e configurado por www.professionalliberal.com.br. Disponível em: <http://www.marsha.com.br/index.php/agroecologia>. Acesso em 29/07/2014

Nicki Faulk. **Plantasonya,** Wordpress 2014 (citado em 24/07/2014). Disponível em: <http://www.plantasonya.com.br/hortas-e-medicinais/horta-organica.html>. Acesso em 29/07/2014

Tânia Rabello. **Portal Orgânico.** Wordpress 2012 (Publicado em 13/07/2012). Disponível em: <http://www.portalorganico.com.br/entrevista/58/organicos-podem-alimentar-o-planeta>. Acesso em 29/07/2014

TUAN, Yi-Fu. (1979). **Space and place:** humanistic perspective. In: Gale, S.; Olsson, G (eds.) *Philosophy in Geography.* Dordrecht, Reidel Publ. Co., p. 387-427. (publicado



originalmente em: Progress in Geography. ((6): 211-252, 1974)

COORDENADOR ESCOLHIDO A CADA 2 ANOS - JOÃO

